

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência - RIBEIRO, Moneda Oliveira. A criança de/na rua tem família: uma família em crise. Rev. Bras. Cresc. Des. Hum, São Paulo, 11(1), 2001.

2) Resumo e Palavras-Chave - O artigo apresenta parte dos dados da tese da autora referente à trajetória da vida de um grupo de crianças de/na rua, em idade escolar, que frequentavam dois refúgios públicos da cidade de São Paulo. Os dados, coletados por meio de entrevistas, foram analisados segundo as teorias da Representação Social e da Análise de Conteúdo conforme BARDIN e MINAYO. As categorias temáticas destacadas do discurso transcrito foram agrupadas em experiências significativas para as crianças, entre as quais “a família”. A síntese das categorias analisadas evidenciou que a violência permeia a vida dessas crianças, resultando em experiências que restringem seu pleno desenvolvimento. A autora identifica que as crianças fogem de casa quando sua família fracassa em sua função de provedora de proteção e afeto, e conclui que a solução do problema depende da implementação de Políticas Sociais e de Saúde, sobretudo à criança família em situação de risco.

Palavras-Chave: criança de/na rua; família; saúde escolar; violência.

3) Objetivo do estudo - O objetivo do trabalho consistiu em identificar a representação social sobre a trajetória de vida (especialmente sobre as situações de desatendimento à saúde) de um grupo de crianças (em idade escolar) que viviam na e da rua. O intuito foi conhecer a criança em situação de rua para que o profissional de saúde possa consolidar propostas alternativas de assistência e de ensino com vistas à promoção do desenvolvimento desse grupo específico. Além disso, pretendi sensibilizá-lo para o fato de que a atenção a essa categoria transcende o âmbito da assistência à saúde e consiste também em exercício da cidadania.

4) Tipo de pesquisa – qualitativa.

5) Período da pesquisa - não informado.

6) Forma de coleta de dados - Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas realizadas individualmente com catorze crianças em idade escolar (7 a 12 anos) que frequentavam dois refúgios públicos da cidade de São Paulo: um abrigo vinculado a uma instituição estadual e um albergue da prefeitura administrado por uma entidade não governamental.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - O instrumento principal utilizado para obter a representação social do indivíduo é seu discurso. A “sistematização dos dados empíricos” (do texto discursivo) foi organizada conforme as principais normas de validade da “análise temática”, uma das técnicas de Análise de Conteúdo, referidas por MINAYO (1993). A “análise dos dados” foi realizada segundo as perspectivas teóricas da Representação Social conforme preconizado por BARDIN (1979), JOVCHELOVITCH (1998), SPINK (1993), entre outros.

8) Resultados / dados produzidos - No referido estudo foi possível apreender que o ponto de partida dos relatos sobre a trajetória de vida das crianças começa com as fugas de casa. Elas vão para as ruas e estabelecem relações muito significativas (positivas ou negativas) com os amigos, as drogas e a polícia. Quando necessitam suprir suas necessidades básicas, recorrem aos abrigos. Assim, esse percurso é caracterizado por um movimento de ir e vir: das ruas retornam para casa ou para os abrigos, e destes fogem novamente, seguindo um caminho sem um destino bem definido e sem perspectivas de um futuro vindouro.

A família foi um tema comentado por todas as crianças entrevistadas. Algumas falavam pouco a respeito, mas todas contaram o motivo que as levaram a fugir de casa. As razões apresentadas foram devido à “ausência da mãe”, às “agressões dos genitores” e à “miséria e desagregação familiar”. De modo geral, as crianças referem uma história de crise na estrutura familiar que as levaram buscar a fuga como alternativa para livrarem-se do tratamento austero, negligente ou agressivo de seus genitores ou responsáveis. As crianças relataram várias fugas de casa porque as autoridades as levavam de volta à suas famílias quando encontradas na rua. Mas, em casa, enfrentavam os mesmos problemas que motivaram a fuga e, assim, retornavam à rua.

A identidade do “eu” é sempre construída na relação com o “outro”. Em se tratando de desenvolvimento infantil, a identidade da criança é formada principalmente na relação com sua família. Se esta for conceituada negativamente, a criança assimilará para si parte dessa identidade negativa.

Quando a criança recorre à rua por maus tratos, não está apenas fugindo da dor física; está tentando preservar sua integridade e sua autoestima; está se afastando daquilo que a destrói e a humilha. Mas a vivência na rua, e mesmo em alguns abrigos, também não lhe atribui identidade positiva; ao contrário, reforça e acentua a identidade negativa de “menino de rua” e, ainda, a identidade do porvir, a de suposto “futuro marginal”.

9) Recomendações - É importante a participação de profissionais de saúde nos programas (governamentais ou não) de reinserção da criança na família de origem ou substituta, nas realizações de pesquisas, no ensino de graduação e em eventos técnicos-científicos que conduzam a adesão de mais adeptos em defesa dessa causa.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.